

# A PAISAGEM COMO PROBLEMA: CONHECER PARA PROTEGER, GERIR E ORDENAR

VOLUME II



**PEDRO FIDALGO**

(coord.)

**FCSH**  
FACULDADE DE CIÊNCIAS  
SOCIAIS E HUMANAS  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

**iH**  
INSTITUTO  
DE HISTÓRIA  
CONTEMPORÂNEA

**FCT**  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA, E ENSINO SUPERIOR

# A PAISAGEM COMO PROBLEMA: CONHECER PARA PROTEGER, GERIR E ORDENAR

Pedro Fidalgo (coord.)

## AUTORES

Aline Defellipe Câmara	Fernanda Moço Foloni	Margarida Carvalho
Amanda Cristina Franco Gueraldi	Fernando Eraldo Medeiros	Maria Bezerra
Ana Amorim	Filipa de Castro Guerreiro	Maria da Graça Saraiva
Ana Beatriz Jardim Alves	Francisco da Silva Costa	María Fandiño
Ana Carolina Carmona-Ribeiro	Francisco Eduardo Torres Cancela	Maria João Centeno
Ana Cristina Santos Guerreiro	Francisco Horta Maranhão	Maria Manuela Laranjeira
Ana Paula Pires	Francisco Paiva	Maria Mota Almeida
Ana Rita Sá Carneiro	Giuliana Giuseppa F. dos Santos	Mariana do Rosário Machado
Andreia Cristina Amorim Pereira	Gonçalo Duarte Gomes	Mariano Gambín García
Andreia V. Quintas	Graciela Márcia Fochi	Marta Carvalho
Antonio Claret Miranda	Gregorio Canales Martínez	Marta Raquel da Silva Alves
António Meireles	Helena Figueiredo Pina	Mateus Pessetti
Arildo Camargo	Hugo Fortes	Meri Lourdes Bezzi
Arlis Buhl Peres	Isabel Loupa-Ramos	Micheline Helen Cot Marcos
Bárbara d'Acampora	Isabel Maria Matias	Miguel Ángel Lozano Jiménez
Beatriz V. Toscano	Jacinta Fernandes	Miguel Bandeira
Caio Fernando Santos de Alencar	Jeanne Almeida da Trindade	Mirela Duarte
Camila Sant' Anna	Joana da Cunha Fernandes	Miriam Victoria Fernandez Lins
Camilo Blanco Pampin	João Gomes de Abreu	Nara Nastari Villela Gardel Barbosa
Carla Rolo Antunes	João Gustavo Andrade Silva	Norma Regina Truppel Constantino
Carlos Alves Lopes	João Paulo Carvalho do Amaral	Nuria Freire Gonçalves
Carlos Bragança dos Santos	João Rafael Santos	Pascal de Moura Pereira
Carlos Gonçalves Terra	Joaquín Romano Velasco	Patrícia Freire
Carlos Vargas	Jorge Batista	Paulo Bianchi
Caroline Ganzert Afonso	José Cavaleiro Rodrigues	Pedro Fidalgo
Cassandra Helena Faes	José Fariña Tojo	Rafael Winter Ribeiro
Catarina de Almeida Pinheiro	José Ignacio Vila Vázquez	Renata C. Oliveira de Carvalho
Chilavert Topolski	José Joaquín Parra Bañón	Ricardo Bento
Cidália Ferreira Silva	José Manuel Vázquez Mosquera	Ricardo Pereira Rodrigues
Clara García Mayor	José Ramón Moreno Pérez	Ricardo Stedile Neto
Claucionei Lucimar Gengnagel	Josyanne Pinto Giesta	Rosana Sommaruga
Cláudia Ávila Gomes	Juliana Christiny Mello da Silva	Roseline Vanessa Santos Oliveira
Cláudia Gaspar	Karina Andrade Mattos	Rubens de Andrade
Cristian Rojas Cabezas	Karla Garcia Biernath	Rui Florentino
Daniela Pereira Alves Ribeiro	Laura Domínguez Correa	Samuel Roda Fernandes
Diana Amaral	Ligian Cristiano Gomes	Sandra Escobar
Dolores Gutiérrez Mora	Luciane Rodrigues de Bitencourt	Sebastiano Antonio Raimondo
Domingos Lopes	Lúcio Cunha	Taís Alvino da Silva
Duarte Natário	Luís Alexandre Castanho	Teresa Madeira da Silva
Eliane Maria Foletto	Luís Brandão Coelho	Tiago Santana Águas
Emilia Román	Luís Vieira	Tomás Reis
Emilio Pérez Chinarro	Luís Ribeiro	Vanessa Carla Sayão Cortez
Érica Lemos Gulinelli	Luz Fernández-Valderrama Aparicio	Veerle Van Eetvelde
Esdras Araujo Arraes	Madalena Pinto da Silva	Véronique Zamant
Esteban Poole Fuller	Mafalda Alves	Victoria Sánchez Giner
Ester Higuera	Manuel Fernández Díaz	Vladimir Bartolini
Eva Luque	Marcelle Dutra	Yasmin Lubachevski
Fernanda Maria Follmann	Margareth Afeche	

**A PAISAGEM COMO PROBLEMA:  
CONHECER PARA PROTEGER, GERIR E ORDENAR**

**EDITA**

Instituto de História Contemporânea da  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da  
Universidade Nova de Lisboa

**LOCAL**

Lisboa

**DATA**

Setembro de 2018

**ISBN**

978-989-98388-7-1

## ÍNDICE DO VOLUME II

Carlos Gonçalves Terra <b>O ajardinamento das casas urbanas na cidade do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX</b> .....	6
Carlos Vargas <b>Paisagem e Fotografia</b> .....	30
Cassandra Helena Faes <b>Os desafios da gestão da paisagem cultural: o caso de Testo Alto, Pomerode/SC/Brasil</b> .....	34
Cassandra Helena Faes e Graciela Márcia Fochi <b>Arquitetura, paisagem e patrimônio cemiterial: Um estudo do cemitério municipal de Indaial/SC/Brasil</b> .....	61
Catarina de Almeida Pinheiro, Maria Manuela Laranjeira e Miguel Bandeira <b>Especificidades e contradições da urbanização difusa: um retrato do município de Guimarães</b> .....	82
Chilavert Topolski, Mateus Pessetti e Claudionei Lucimar Gengnagel <b>O conceito de Paisagem a partir das percepções de alunos do 6º e 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Passo Fundo/RS/Brasil</b> .....	100
Cidália Ferreira Silva e Joana da Cunha Fernandes <b>Ilusões de prosperidade: a suspensão da terra do Sol e da Água de Gualtar</b> .....	114
Clara García-Mayor y Gregorio Canales Martínez <b>Agua y paisaje en la Vega Baja del Segura: la Huerta sitiada</b> .....	140
Cláudia Ávila Gomes <b>Contributos para os Planos de Gestão dos Parques Naturais de Ilha dos Açores</b> .....	160
Cláudia Gaspar <b>Olhar para conhecer. O património arquitetónico do monte do Alentejo litoral</b> .....	181
Cristian Rojas Cabezas, Luz Fernández-Valderrama Aparicio y José Ramón Moreno Pérez <b>Ruinas contemporáneas en Valparaíso, umbrales de otro paisaje</b> .....	203

Daniela Alves Ribeiro	
<b>O Sistema Carbonífero do Douro: Paisagem (Vs) Património .....</b>	<b>219</b>
Dolores Gutiérrez Mora	
<b>Territorios culturales:</b>	
<b>Vectores de lectura y actuación en el territorio a través de las prácticas artísticas .....</b>	<b>239</b>
Duarte Natário	
<b>Proposta de metodologia para planeamento e</b>	
<b>gestão florestal periurbana: caso de estudo do Parque das Serras do Porto .....</b>	<b>259</b>
Esdras Araujo Arraes	
<b>“O mundo do olho”: Natureza e paisagem em Goethe e Humboldt .....</b>	<b>278</b>
Esteban Poole Fuller	
<b>La desprotección del patrimonio paisajístico</b>	
<b>de la zona de acantilados de Lima (Costa Verde):</b>	
<b>el caso de las edificaciones ilegales realizadas en el distrito de Barranco desde 2003 .....</b>	<b>292</b>
Ester Higuera García	
<b>Paisaje y servicios ecosistémicos .....</b>	<b>315</b>
<b>Notas curriculares .....</b>	<b>318</b>

## **ILUSÕES DE PROSPERIDADE: A SUSPENSÃO DA *TERRA DO SOL E DA ÁGUA* DE GUALTAR**

Cidália Ferreira Silva e Joana da Cunha Fernandes

**Resumo:** Este trabalho reflete sobre os processos de urbanização da encosta de Gualtar em Braga. Um lugar que desde a Idade do Bronze era reconhecido como a terra do Sol e da Água, foi sujeito a partir de 1987, a uma mutação radical: as quintas agrícolas foram transformadas em loteamentos habitacionais, fundamentalmente de moradias em banda. Este processo fez tábua rasa dos traços do tempo pré-existentes e gerou uma área de espaços suspensos, correspondente aos lotes vazios superior aos construídos. O objetivo principal deste texto é entender as dinâmicas inerentes ao processo de suspensão. Para isso, desenvolve-se na seguinte estrutura: 1) na introdução justifica-se o caso de estudo e o seu enquadramento na cidade de Braga; 2) seguidamente descreve-se o processo de transformação de solo rural em solo urbano aprofundado nos oito loteamentos que transformaram Gualtar; 3) complementarmente, procura-se um entendimento alternativo sobre os espaços suspensos de carácter indeterminado, usualmente considerados vazios e consequentemente adjetivados de forma negativa, o que obsta a possibilidade de reconhecer as suas potencialidades; 4) finalmente, a terra do Sol e da Água, à procura do passado que é presente dá um passo atrás para conhecer esta terra antes da transformação provocada pelas operações de loteamento, quando aqui se contavam narrativas de um tempo longo e cíclico ligado às quintas agrícolas, uma materialidade invisível, mas presente ainda assim no seu potencial de regeneração.

**Palavras chave:** Loteamentos; Espaços Suspensos; Indeterminação; Ordenamento do Território.

**DELUSIONS OF PROSPERITY:  
THE SUSPENSION OF THE *SUN AND WATER'S* EARTH OF GUALTAR**

Cidália Ferreira Silva and Joana da Cunha Fernandes

**Abstract:** This work reflects on the processes of urbanization of the slope of Gualtar in Braga. A place that since the Bronze Age was recognized as the land of the Sun and Water, was subjected to a radical change in 1987: the agricultural farms were transformed into housing developments, mainly of row houses. This process made *tabula rasa* of the pre-existing traces of time and generated an area of suspended spaces, corresponding to the empty plots, superior to the constructed ones. The main objective of this text is to understand the dynamics inherent in this suspension process. For this, the text presents the following structure of development: 1) in the introduction the case study is justified and it is framed in the city of Braga; 2) the process of transformation of rural land into urban land is presented in the eight housing developments that transformed Gualtar; 3) in the suspended spaces of indeterminate character is sought an alternative understanding of empty spaces, usually adjectivized in a negative way that prevents the possibility of recognizing their potentialities; 4) finally, the land of the Sun and Water, in search of the past that is present, takes a step backwards to know this land before the transformation brought about by the housing developments, when narratives of a long and cyclical time connected with the agricultural farms, an invisible materiality, but still present in the actual regeneration potential.

**Keywords:** Housing Developments; Suspended Spaces; Indetermination; Urban Planning.

# ILUSÕES DE PROSPERIDADE: A SUSPENSÃO DA *TERRA DO SOL E DA ÁGUA* DE GUALTAR

Cidália Ferreira Silva e Joana da Cunha Fernandes

## Introdução: Gualtar como amostra

“Como constrói então a vida as linhas de força de que vivemos?”<sup>48</sup>



Fig. 1: Alçado panorâmico da Encosta de Gualtar

Este trabalho reflete sobre os processos de urbanização da encosta de Gualtar em Braga. Este lugar, desde a Idade do Bronze reconhecido como a terra do Sol e da Água, foi sujeito a partir de 1987, a uma mutação radical: as quintas agrícolas foram transformadas por operações de loteamento, fundamentalmente de moradias em banda. Detenhamo-nos no alçado da encosta (Fig. 1) e atentemos no que resulta: uma imagem *de algo que ainda não é mas que deixou de ser*. Foi este “quadro” o catalisador da pesquisa. Os espaços suspensos que visualizamos entre os lotes

---

<sup>48</sup> Antoine Saint-Exupéry, “Carta a um Refém” (Lisboa: Relógio d’Água Editores, 2015), 25.



construídos não podem deixar de antecipar a inquietude de descobrir o que está subjacente a esta transformação. Tal é o objetivo central deste texto.<sup>49</sup>

Ao longo dos últimos 30 anos, Braga foi submetida a uma série de intervenções urbanas com a construção de um conjunto de infraestruturas públicas e público-privadas como, túneis, viadutos, vias rápidas, autoestradas, e respetivos acessos, parques de estacionamento subterrâneos, entre outros.

Nesta sanha a Avenida Padre Júlio Fragata, construída no início dos anos 90, interrompeu a linearidade da antiga Via XVII, a via romana que ligava *Bracara Augusta* (Braga) a *Acquae Flaviae* (Chaves).

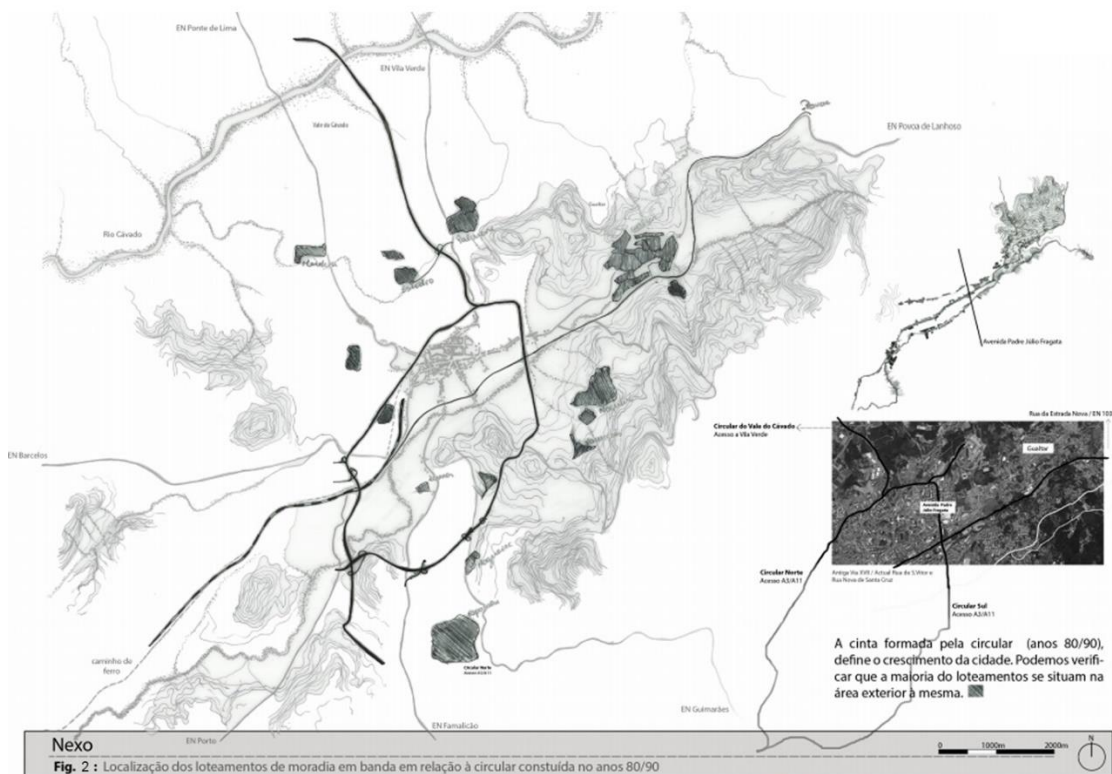


Fig. 2: Localização dos loteamentos na cidade de Braga.

A circular interna de Braga, construída nos finais dos anos 90, uniu a avenida anteriormente referida à circular norte, o que criou uma cintura de circulação viária que diferencia o espaço citadino

<sup>49</sup> Este artigo tem por base a investigação desenvolvida na tese de mestrado realizada por Joana Fernandes para conclusão do mestrado integrado em arquitetura da EAUM, sob a orientação da professora Cidália Ferreira Silva. Joana da Cunha Fernandes, "Loteamentos de moradias em banda: do Interstício à Indeterminação" (Master diss., University of Minho, 2013).

central, do território urbano envolvente. A maior parte dos loteamentos habitacionais foram construídos na parte exterior dessa mesma cintura, como é o caso de Gualtar (Fig. 2). Na mesmo desenho pode verificar-se a equivalência entre a área ocupada pela cidade de Braga nos anos 60 e a área dos loteamentos realizados em Gualtar, verificando-se que a área loteada é a de maior dimensão, o que justifica a sua pertinência enquanto amostra de pesquisa.

Assim, uma primeira pergunta não pode deixar de ser feita: como é que num tempo tão curto se pode equiparar a área urbana da cidade de Braga, desde a sua fundação romana até aos anos 60 do século XX, com a área da urbanização de Gualtar?

Uma das grandes transformações deu-se ao nível do sector da construção civil, começando a surgir em Braga inúmeras empresas, inicialmente familiares e presentemente à escala de mega empresas nacionais. Paralelamente ao “boom da construção” deu-se o crescimento do mercado imobiliário. Como consequência, a construção de habitação unifamiliar e plurifamiliar aumentou significativamente, sendo a principal forma de “desenvolvimento” da cidade. Por toda a urbe é possível ver novos arruamentos construídos com edificação de moradias e também os espaços vazios aguardando construção imobiliária. Um oco que, não sendo de conteúdo, nos deixa inquietos enquanto destino incerto à *espera de*.

Este foi o outro critério de escolha de Gualtar enquanto caso de estudo. Nele existe uma preponderância de espaços suspensos que não é igualável a nenhuma outra área urbanizada em Braga. Gualtar esteve sujeito a operações de loteamento, com datas de projeto e execução entre 1987 e 2011, onde surgem conjuntos de moradias em banda por construir desde há 30 anos. Mais do que os loteamentos, interessa-nos discernir e compreender a natureza indeterminada destes espaços suspensos, bem diversos dos Jardins da Babilónia. Para além dos critérios de seleção já assinalados, revelou-se importante também o facto de Gualtar<sup>50</sup> ser uma das freguesias cuja densidade urbana mais aumentou nos últimos 50 anos, intensificada pela presença do Campus da Universidade do Minho em Braga (Fig. 3), com um forte investimento por parte de várias construtoras e promotores.<sup>51</sup>

---

<sup>50</sup> É de referir que a escolha desta amostra também coincidiu com a facilidade de recolha de informação pelo conhecimento particular com diversas entidades relacionadas com a freguesia, desde ex-moradores, atuais moradores e o Presidente da Junta de Freguesia.

<sup>51</sup> Acompanhando o crescimento vertiginoso da Universidade do Minho, a freguesia de Gualtar tem enfrentado o desafio de evitar tornar-se um dormitório de estudantes e de outras famílias que o ensino superior atraiu para Braga: Projeto Educativo 2009/2013 Educar na excelência - Agrupamento de Escolas de Gualtar.



Fig. 3: O caso de estudo na sua relação com a Universidade do Minho.

Tentar entender o seu carácter suspenso e indeterminado, pretende ser uma alternativa ao modo comum como compreendemos os lotes vazios, “sem qualidades”<sup>52</sup>, “abandonados” e cujo único objetivo é cumprirem o desígnio que o loteamento lhes deu: virem a ser edificadas. Será esta a única possibilidade? O que nos revelam estes espaços sobre este lugar, para além de serem resultado de um processo urbano interrompido? Quais as lógicas de planeamento, territoriais, sociais e económicas que lhes estão subjacentes? A paisagem de Gualtar, através das oito operações de loteamento, foi alvo de uma mutação irreversível. É esta metamorfose que vai ser alvo de aprofundamento nos dois tópicos seguintes: do processo de transformação de solo rural em solo urbano; e espaços suspensos de carácter indeterminado.

### **Do processo de transformação de solo rural em solo urbano**

Até 2001 Gualtar detinha 3,1% do edificado existente no concelho de Braga, sendo que 34 % do seu edificado em 2001 foi construído na década de 90.<sup>53</sup> Para perceber a expansão urbana, é necessário entender primeiro o processo de planeamento subjacente às operações de loteamento efetuadas sobre esta amostra, sendo fundamental começar por explicitar os princípios de administração Municipal que regem o território.

---

<sup>52</sup> “Até um homem sem qualidades tem um pai com qualidades.” Robert Musil, “O Homem sem qualidades”, vol.1 (Lisboa: Publicações D. Quixote, 2008), 38.

<sup>53</sup> Informação recolhida no Relatório da Avaliação da Execução do PDM de Braga (Maio 2008), 55-59 .

Os Planos Municipais de Ordenamento de Território (PMOT) encontram-se definidos pelo Decreto-Lei n.º 69/99 de 6 de março e pelo Decreto-Lei n.º 380/99 de 22 de setembro. Neste insere-se o Plano Diretor Municipal<sup>54</sup> (PDM), o Plano de Urbanização<sup>55</sup> (PU), e o Plano Pormenor<sup>56</sup> (PP).

Os espaços urbanizáveis<sup>57</sup> são classificados pelo PDM de Braga (4 de Janeiro de 2001), na Secção II, artigo 54º, segundo o índice de Densidade Urbanística, confirmada na Fig. 4 correspondente à Planta de Ordenamento do Território. Em Gualtar os terrenos onde os loteamentos foram implantados pertencem à categoria C/D e C, sendo que: C-Índice Urbanístico de baixa densidade; e D-Índice Urbanístico de densidade rural.

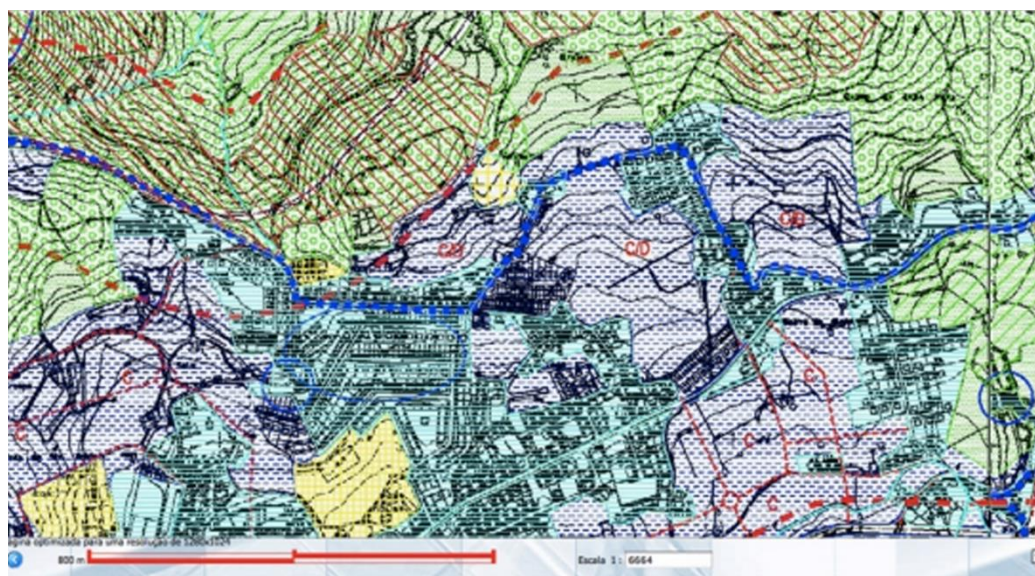


Fig. 4: Extrato da Planta de Ordenamento do Território do PDM de Braga. Fonte: [www.sig.cm-braga.pt](http://www.sig.cm-braga.pt).

Após o terreno ser classificado pela Câmara Municipal como urbanizável, podem ser apresentados projetos de loteamento, para esses mesmos espaços, por promotores, construtores, empresas particulares. Desenvolvidos por uma equipa pluridisciplinar que inclui um arquiteto, um engenheiro

<sup>54</sup> “Estabelece a estratégia de desenvolvimento territorial, a política municipal de ordenamento do território e de urbanismo e outras políticas urbanas, articulando as orientações estabelecidas pelos Instrumentos de Gestão Territorial (IGT) de âmbito nacional e regional, estabelecendo assim, o modelo de organização espacial do território, ao nível do município.” João M. Carvalho, *Planeamento urbanístico e valor imobiliário: as parcerias público-privado: teorias, metodologia, potencial* (Cascais: Principia, 2005).

<sup>55</sup> “Concretiza numa determinada área do território, a política de ordenamento do território e urbanismo, estabelecendo um quadro de referência para a aplicação das políticas urbanas e definindo a estrutura urbana, o regime de uso do solo e os critérios de transformação do território.” Carvalho, *Planeamento urbanístico e valor imobiliário*.

<sup>56</sup> “Desenvolve e concretiza as propostas de ocupação de uma área do território municipal, estabelecendo regras sobre a implantação das infraestruturas e o desenho dos espaços coletivos, a forma da edificação e a sua integração paisagística, a localização e inserção de equipamentos coletivos e a organização espacial de outras atividades. Plano de intervenção em espaço rural; Plano de pormenor de reabilitação Urbana; Plano de pormenor de salvaguarda.” Carvalho, *Planeamento urbanístico e valor imobiliário*.

<sup>57</sup> Terreno urbanizável ou loteável: Entende-se por terreno loteável a parte ou o todo de um terreno a que se tenha atribuído capacidade de expansão ou ocupação para fins urbanos e, como tal, suscetível de ser dividido em parcelas ou lotes, incluindo as áreas destinadas a integrar no domínio público como arruamentos, passeios, praças e zonas verdes, ou destinadas à implantação de equipamentos de utilização pública. Publicado em Diário da República nº 25 Série I Parte B de 30/01/2001.

civil e um arquiteto paisagista, as operações de loteamento carecem de licenças ou autorizações administrativas<sup>58</sup>, passando por um conjunto de procedimentos<sup>59</sup> de licenciamento onde é necessário a entrega de uma série de documentos, a saber: o projeto de loteamento; o projeto de infraestruturas viárias; o projeto da rede de abastecimento de águas, águas residuais e pluviais; o projeto de arranjos exteriores de jardins e arborização; outros projetos de especialidades não expressamente referidos.

Entre 2001 e 2006 foram licenciados pela Câmara Municipal de Braga 560 fogos na freguesia de Gualtar<sup>60</sup>.

Continuando a análise do processo de loteamento, após o licenciamento do projeto procede-se no caso em estudo à construção dos arruamentos. A faixa de rodagem tem uma dimensão mínima definida de 7/6 metros e os passeios 2/1,5 m.<sup>61</sup> Cumprindo a legislação em vigor, o desenho dos loteamentos segue fundamentalmente critérios quantitativos de índices e largura das vias, que pré-definem as estruturas base que alteram e definem o novo perfil do solo.

Tendo em conta o enquadramento jurídico-administrativo acima referido, debruçemo-nos agora sobre os loteamentos projetados para a encosta de Gualtar de forma mais pormenorizada. A partir de 1990 surgem em Gualtar uma série de projetos cuja tipologia preponderante é a de moradias em banda. A maioria dos loteamentos foram construídos a partir de 2001, identificando-se apenas dois construídos nos anos 80/90: o Loteamento da Quinta da Igreja (1987) e o Loteamento da Junta de Freguesia (1992).

O território disponível com vista ao “seu uso e exploração, transforma-se na unidade de medida dos fenómenos humanos”<sup>62</sup>. Como tal é necessário identificar esses fenómenos, tornando-os visíveis.

Sobre os oito loteamentos construídos entre 1987 e 2011, apresentamos uma síntese (Tabela 1) com os seguintes dados: a) designação do loteamento; b) o terreno transformado; c) área total do terreno; d) o promotor; e) a data do projeto de loteamento; f) a data do licenciamento; g) número de fogos; h) número de lotes de moradias em banda; i) o número de lotes suspensos.

---

<sup>58</sup> Capítulo II, Artigo 5º e 6º - Regulamento Geral de Urbanização do Município de Braga.

<sup>59</sup> Capítulo III, Artigo 7º - Regulamento Geral de Urbanização do Município de Braga.

<sup>60</sup> Informação recolhida no Relatório da Avaliação da Execução do PDM de Braga (Maio 2008), 67, gráfico 2.27.

<sup>61</sup> Secção II, artigo 59º - Plano Diretor Municipal de Braga (2001).

<sup>62</sup> André Corboz, “Le territoire comme palimpseste,” in *Le territoire comme palimpseste et autres essais* (Besançon: Les Editions de L'imprimeur, 2001), 212.



Designação	Terreno transformado	Área total do terreno	Promotor	Data do projeto de loteamento	Data do licenciamento	Nº de Fogos	Nº de lotes de moradias em banda	Nº de lotes suspensos
Loteamento da Encosta do Sol*	Quinta da Igreja	103 224,00 m <sup>2</sup>	Sporting Clube de Braga	janeiro de 2007	agosto de 2007	72	44	5
Loteamento da Junta de Freguesia	Quinta do Pomar	30 969,00 m <sup>2</sup>	Junta da Freguesia	novembro de 1992	não foi possível confirmar	42	20	0
Loteamento do Pimpão	Quinta (toponímia não encontrada)	30 755,29 m <sup>2</sup>	Manuel Pires Pereira	maio de 2001	junho de 2001	97	74	15
Loteamento do Lugar da Mourisca	Quinta do Capa	62 045,95 m <sup>2</sup>	José Veloso de Azevedo e Minho Investe – Empreendimentos Imobiliários, Lda.	outubro de 2002	março de 2003	189	183	124
Loteamento da Bouça do Pomar	Quinta do Capa	17 472,90 m <sup>2</sup>	Euroímpica III - Soc. Imobiliária, Lda.	dezembro de 2002	março de 2005	39	29	28
Loteamento do Lugar das Pereiras	Quinta (toponímia não encontrada)	26 082,00 m <sup>2</sup>	José Maria Alves de Sousa	abril de 2003	maio de 2004	57	55	29
Loteamento do Monte da Vergadela	Zona florestal	75 410,90 m <sup>2</sup>	Constantino Vieira Caldas e Irmãos Borges, Mobilíria, Lda.	setembro de 2007	novembro de 2007	117	76	68
Loteamento da Quinta do Pomar	Quinta do Pomar	68 407,00 m <sup>2</sup>	POMARIUS, Sociedade Imobiliária, Lda.	abril de 2010	novembro de 2011	136	119	59
<b>Total</b>		<b>414 367,04 m<sup>2</sup></b>				<b>749</b>	<b>600</b>	<b>328</b>

\* O loteamento da Encosta do Sol foi o primeiro a ser a construído em 1987, mas o licenciamento só foi realizado 20 anos depois.

Tabela 1: Síntese dos dados relativos aos oito loteamentos que urbanizaram a encosta de Gualtar.

Os loteamentos construídos em estudo são: o Loteamento da Encosta do Sol; o Loteamento da Junta de Freguesia; o Loteamento do Pimpão; o Loteamento do Lugar da Mourisca; o Loteamento da Bouça do Pomar; o Loteamento do Lugar das Pereiras; o Loteamento do Monte da Vergadela; o Loteamento da Quinta do Pomar.



Loteamento da Encosta do Sol



Loteamento da Bouça do Pomar



Loteamento do Pimpão



Loteamento das Lugar das Pereiras



Loteamento do lugar da Mourisca



Loteamento do Monte da Vergadela



Loteamento da quinta do Pomar

Fig. 5: Imagens aéreas dos loteamentos estudados. Fonte Bingmaps.

A Fig. 5 mostra as imagens aéreas de todos os loteamentos estudados. Como se pode visualizar a proporção dos espaços suspensos em cada um é distinto. No entanto, é claramente visível a sua preponderância. Para analisar como é que o território foi transformado realizaram-se, para cada loteamento, três cortes síntese, a saber: a) o corte de 1960/1970 com o terreno antes de ser loteado; o corte “ideal” do projeto de loteamento, com todos os lotes pretensamente construídos; o corte “real” com os lotes edificadas e os espaços suspensos. A Fig. 6 exemplifica este estudo aplicado ao loteamento do Lugar da Mourisca.<sup>63</sup>

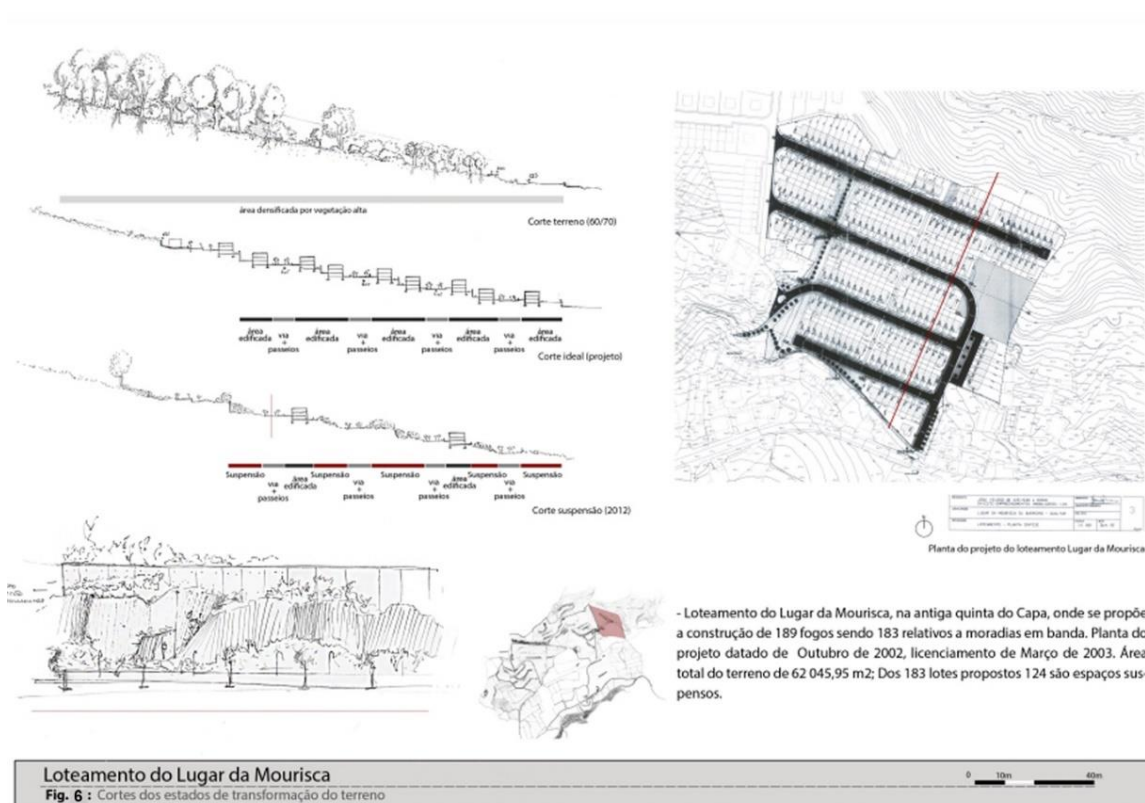
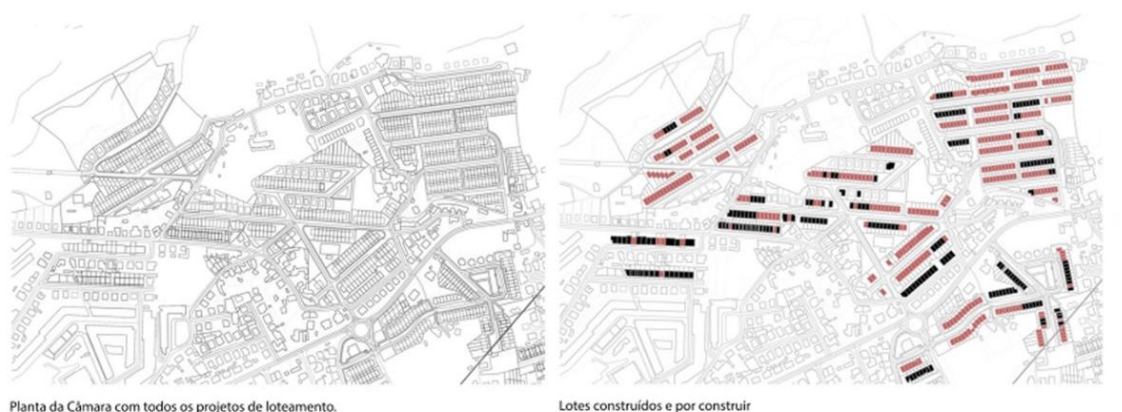


Fig. 6: Loteamento do Lugar da Mourisca: cortes com a transformação do território e planta do projeto de loteamento.

Os loteamentos analisados, transmutaram uma área total de 414 367,04 m<sup>2</sup> de solo rural em solo urbano, criando um total de 600 moradias em banda licenciadas; destas 328 não foram construídas, ou seja, 54,6% dos lotes encontram-se suspensos (Fig. 7). Todos os loteamentos transformaram antigas quintas, exceto o do Monte da Vergadela, que teve origem num terreno florestal.

<sup>63</sup> Para visualizar os desenhos relativos aos restantes loteamentos ver Joana da Cunha Fernandes, “Loteamentos de moradias em banda”, 125-140.

Os projetos de loteamento são desenhados no cumprimento de critérios legais e meramente funcionalistas, nomeadamente a garantia de acessibilidade aos lotes, sem atenção às especificidades do lugar, alterando profundamente a morfologia pré-existente, as características biofísicas do terreno, etc.



A planta da Câmara de Braga, mostra o impacto dos loteamentos na encosta e a dimensão da sua ocupação em contraste com o número de lotes que se encontram por construir

**Impacto dos loteamentos na Encosta**  
Fig. 7 : Esquemas do impacto geral dos loteamentos na Encosta do Sol



Fig. 7: Impacto dos loteamentos na Encosta. Na planta da direita indicam-se os lotes construídos e por construir (a vermelho).

A topografia é radicalmente manipulada, nomeadamente com a construção de taludes e muros de suporte que permitem vencer as cotas do terreno. O chão, matéria de terra e água, sofreu uma mutação irreversível. As linhas de água foram totalmente encanadas, assim como as minas e pontos de água selados para permitir a construção. A fronteira dos loteamentos depende dos limites anteriores das quintas. Todos os loteamentos partem dos mesmos princípios, como o aproveitamento máximo da área de terreno para construção do maior número de fogos possíveis, tendo como base a rentabilidade exaustiva do solo e uma “imagem final”, onde todos os lotes virão a ser construídos e habitados.

O aumento exponencial da área a edificar, através dos processos de loteamento, distorce o valor do solo, provocando uma alteração radical do território. O solo antes rural passa a pertencer outra categoria e a ser integrado na procura do mercado imobiliário, cujo fim é a suprema rendibilidade.



A partir do momento em que o município aprova a classificação do solo como espaço urbanizável a sua função de regulador passa a ser de certa forma passiva, uma vez que relega para o setor privado a promoção da urbanização. O seu papel de proteção do bem comum é secundarizado, uma vez que este se resume à fiscalização do cumprimento do aparato legal, deixando de lado a preservação das características identitárias do lugar enquanto base estruturante da sua transformação. Verifica-se igualmente, a ausência de um pensamento crítico que questione não só a real necessidade deste aumento exponencial de habitação, assim como a destruição do solo permeável, biologicamente diverso e fértil das quintas sujeitas a este processo.

Por outro lado, a visão pré-determinista do desenho proposto pelas operações de loteamento ignora a incerteza inerente aos processos urbanos, o que impele a desconsiderar os múltiplos intervenientes e fatores que agem de forma indeterminada sobre o mesmo.

### **Espaços suspensos de carácter indeterminado**

Entre o corte “ideal” desenhado pelo projeto de loteamento e o corte “real” da sua construção efetiva há uma fissura temporal, que nos leva a questionar um processo de planeamento que é apropriado pelo mercado imobiliário, conduzindo ao lucro rápido a uns quantos e que considera o solo somente recurso do processo capitalista, sem defesa dos valores coletivos maiores, como o facto indesmentível que a terra e água são recursos coletivos que estão para além do seu proprietário num dado instante temporal e dos promotores ou reguladores que decidem a sua mudança de solo rural para urbano. Uma mutação que inicia um processo irreversível. Aquilo que este lugar foi durante séculos deixou de o ser num “instante” cronológico do “agora” e assim esquecemos a vida que aqui poderia ainda existir, fluindo na justa medida.

Com base nos dados recolhidos, podemos afirmar que dos 600 lotes em banda licenciados para loteamento, em 20 anos apenas 278 foram construídos, surgindo um conjunto de espaços cujo desígnio se encontra suspenso. É necessário termos em consideração que muitos dos lotes por construir, podem vir a ser eventualmente construídos.

No entanto, colocam-se várias questões em aberto: enquanto não o forem, o que são? Como se caracterizam estes espaços? Qual vai ser o tempo de suspensão? Dos lotes investigados alguns permanecem suspensos há mais de 20 anos. E se nunca foram construídos? O que significa viver num loteamento inacabado? Qual o sentido de comunidade que é possível criar? Que potencialidades têm estes espaços suspensos?

Entende-se assim, que estes lotes não construídos são espaços suspensos de carácter indeterminado. O território alterado pela quimera do capital materializa-se num corte real onde os espaços suspensos, não o são antes de o serem, isto é, dão como adquirido construir na face oculta da lua...:

“Money (...)  
get a good job  
with a good pay  
Money is a gas (...).<sup>64</sup>

A indeterminação é uma relação espaço-temporal que implica não só a intendência futura, como a sincronia temporal de fenómenos recorrentemente simplificados como processos diacrónicos, nomeadamente a incerteza relacional entre os estratos – terra, água e vegetação - que caracterizam estes espaços suspensos. O terreno foi alterado, as terras foram violentamente movimentadas, as linhas de água canalizadas, os tanques destruídos, mas no lugar permanecem vestígios que recordam que o passado não é apenas passado mas presente ativo, sendo que a indeterminação se materializa num “campo aberto de possibilidades narrativas”<sup>65</sup>.

A indeterminação é agora aprofundada na relação entre os estratos que vão sendo transformados no território e, nas marcas que o vão caracterizando e materializando-se em vestígios mais ou menos evidentes, alguns invisíveis a um olhar menos atento. O que acontece de facto, é que os loteamentos provocam alterações profundas no terreno, e este ganha espaços com novas características, como taludes, caminhos e vegetação espontânea.

Tornar visível e consciente ‘o campo aberto de possibilidades narrativas’ que este cruzamento trás, cria uma nova perspetiva sobre o potencial dos espaços suspensos. O espaço indeterminado pode ser equiparado ao “terrain vague” relativo “à condição expectante de uma porção de terra, potencialmente aproveitável, mas detendo já algum tipo de definição”<sup>66</sup>. É nesta abordagem expectante que revemos o vazio do lote não construído.

---

<sup>64</sup> Pink Floyd, “The Dark Side of the Moon” (Londres: Capitol Records, 1973), faixa 5.

<sup>65</sup> Marjorie Perloff, “The Poetics of Indeterminacy: Rimbaud to Cage” (Evanston: Northwestern University Press, 1981), 11.

<sup>66</sup> Ignasi de Solà-Morales, “Terrain Vague,” in *Territórios* (Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002), 186.

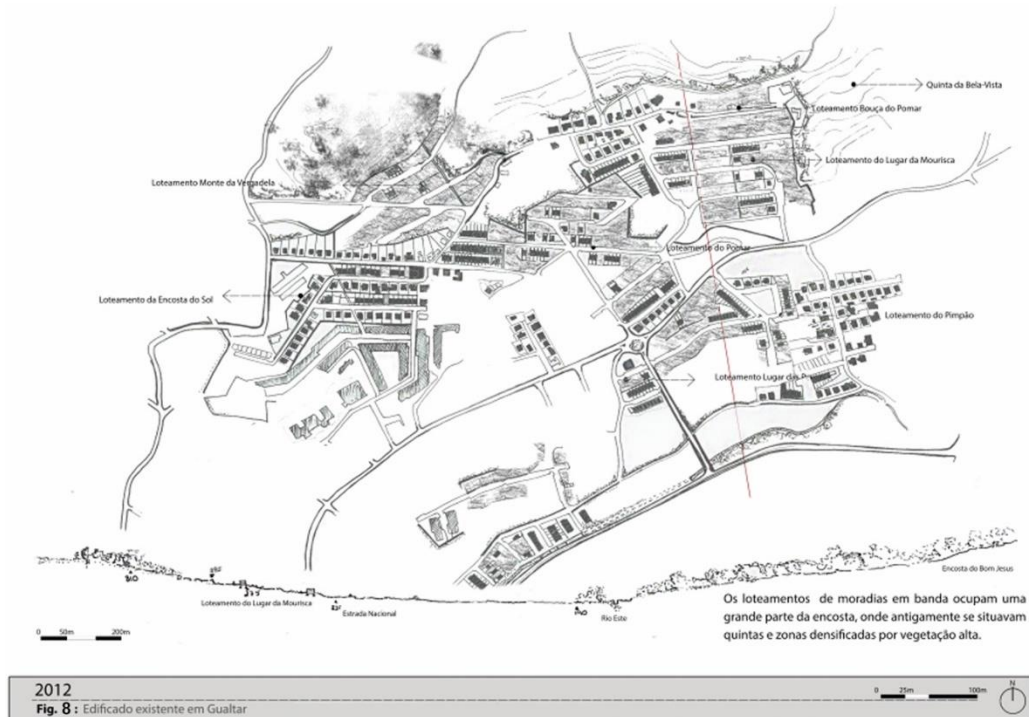


Fig. 8 Impacto dos loteamentos na encosta de Gualtar com a preponderância do espaço suspenso.

Quando olhamos para a encosta de Gualtar (Fig. 8), lê-se não só o impacto dos loteamentos como a escala dos espaços suspensos. Estes, são espaços aparentemente vazios, abandonados, mas na realidade, um olhar mais atento, revela que são permeados pela espontaneidade da vegetação, numa resposta da biodiversidade relacionada com os suportes do próprio território, a terra e a água na sua dança rítmica. Este novo estrato revela as conexões complexas que se operam na espessura do solo, que apesar de “anulado” pelos loteamentos, faz emergir as suas relações na indeterminação telúrica.

O indeterminado é distinto de indefinido. Apesar da sua ambiguidade, estes espaços definem-se pelas relações complexas entre suportes que acabam por potenciar a peculiaridade da sua suspensão. Estes são definidos nos seus limites, pelas infraestruturas dos loteamentos, ou pelas empenas dos lotes construídos, são delineados na sua topografia, na sua água canalizada, mas indeterminados na relação material entre futuro e passado que constrói o que se vê e entende no presente.<sup>67</sup>

<sup>67</sup> “Suponha que o início não começa  
suponha que o princípio não limita (...)  
o mergulho da tarde nos inventa.” António Franco Alexandre, “Visitação” (Porto: Editora Gota de Água, 1982), 9.

O que resta das quintas, desta terra do sol e da água após ter sido urbanizada? O que resta do cultivo, do solo arável, permeável, das linhas de água no meio de arruamentos, passeios, estruturas de saneamento? Com o trabalho de campo desenvolvido *in situ*, percorreu-se a área transformada pelos loteamentos na tentativa de identificar estruturas pertencentes às antigas quintas: campos de cultivo, taludes, muros, linhas de água, tanques, etc. (Fig. 9).



Fig. 9: Esquemas realizados durante o trabalho de campo para identificação das estruturas pertencentes às antigas quintas.

O desenho da Fig. 10, mostra que os loteamentos se sobrepuseram às quintas e apesar de ser possível encontrar relação entre os seus limites e a forma delimitadora do loteamento, anularam por completo a sua morfologia. Esta, foi sujeita a movimentações de terra com o intuito de vencer as cotas para criar superfícies de arruamentos e construir moradias. Criaram-se taludes em média com 10 metros de altura, apropriados agora por vegetação natural.

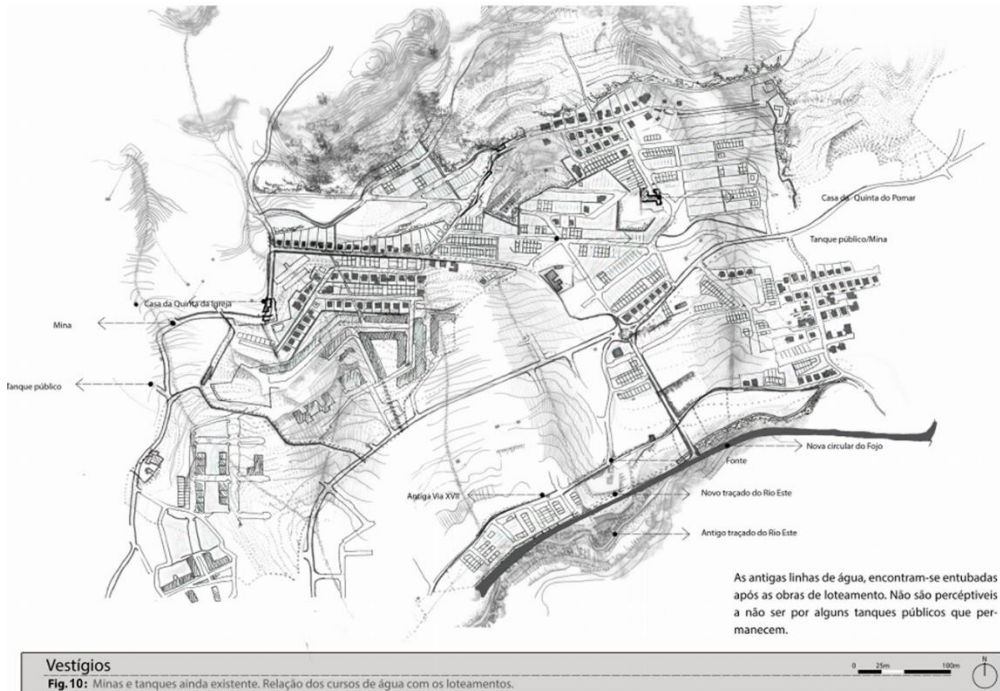


Fig. 10: Mapeamento das linhas de água, minas e tanques com a sobreposição dos loteamentos.

Das quintas onde se construíram os loteamentos referidos no tópico anterior, foi possível identificar vestígios relativamente à Quinta da Igreja e à Quinta do Pomar, onde ainda subsistem as casas de quinta assim como fragmentos dos limites da propriedade. Apenas a casa da Quinta do Pomar se encontra habitada e a sua propriedade foi significativamente reduzida, não existindo atualmente cultivo (Fig. 11).



As imagens representam estruturas das antigas quintas que ainda existem atualmente.

**Vestígios de Estruturas**  
**Fig.11:** Registo de estruturas existentes de quintas onde foram construídos loteamentos de moradas em banda.

Fig. 11: Estruturas das antigas quintas que ainda existem atualmente.

A água é perceptível em três tanques públicos, no loteamento do Pomar, no loteamento da Encosta do Sol e no Loteamento do Lugar da Mourisca. A construção dos loteamentos tornou as diversas linhas de água existentes neste solo invisíveis, canalizando-os.<sup>68</sup> Podemos não as ver mas continuam a existir e tão presentes como quando eram operativas nos modos de vida ligados ao cultivo do solo agrícola.

Com este processo de anulação dos traços do tempo longo pré-existentes, atualmente, os vários tanques, minas, quer privados quer públicos, são difíceis de identificar. No entanto, um olhar atento ajuda-nos a encontrar manifestações das linhas de água ao longo do rio Este.

O rio sofreu profundas alterações com a construção da variante do Fojo, tendo sido canalizado entre paredes de betão que limitam o percurso do mesmo, mas ao longo das quais é possível encontrar condutas de cimento que entubam as linhas de água que descem da encosta (Fig. 12).



Rio Este atualmente.  
As linhas de água são perceptíveis através dos tubos de cimento que pontuam o rio.



Ponto de água visível na antiga Quinta do Pomar

Atualmente a presença que temos do estrato da água é pontual, é possível encontrar um ponto de água na antiga Quinta do Pomar, na antiga Quinta da Igreja e na antiga Quinta do Capa.

#### Vestígios de Estruturas

**Fig. 12:** Registo de estruturas existentes das linhas de água onde foram construídos os loteamentos

Fig. 12: Vestígios da presença da água que ainda são visíveis atualmente.

As relações entre suportes não se reduzem à sucessão das transformações, mas precisam de ser analisadas também pelo cruzamento de características que partilham as estruturas geomorfológicas intrínsecas ao território. A coexistência resulta em espaços onde as estruturas artificiais dos loteamentos se cruzam com o estrato da terra, fazendo com que o perfil da encosta se desenhe com os muros de contenção, vias com 15 metros de largura, candeeiros, guias, passeios.

<sup>68</sup> Informação confirmada por proprietários de algumas das moradias construídas.

A este associa-se o estrato vegetal. A vegetação espontânea<sup>69</sup> vai, não só apropriando-se dos lotes não construídos, mas também das próprias estruturas do loteamento, permeando as suas fissuras como espaços de oportunidade (Fig. 13). Assim, também o estrato vegetal é indeterminado, na dança do ritmo dos ciclos naturais, que transcendem o mundo controlado do ser humano.

A indeterminação implica a relação entre o tempo com o espaço. Se um olhar mais determinista parte do princípio que a resolução do “problema” destes espaços reside na sua edificação, construindo o devir predeterminado dos projetos de loteamentos, esta continua dependente dos investimentos e das flutuações do mercado, imprevistas e incertas. Isto, aliado ao fato da quantidade de espaços suspensos, na encosta de Gualtar, ser elevada face à procura populacional, fundamenta a dúvida relativa a esta solução apriorística.

Por outro lado, temos a indeterminação entre estratos, onde a relação entre suportes mostra, que a longa estratificação ao longo do tempo continua presente nas características destes espaços suspensos, criando uma relação mais complexa de coexistência. Apesar dos loteamentos na sua indiferença os terem arrasado como *tábula rasa*, tratando o chão como uma superfície sem qualidades, na qual se sobrepõem infraestruturas e objetos arquitetónicos, o que estes espaços suspensos revelam, é que a terra tem uma força superior à destruição da mão humana. Nesta relação reside a sua potencialidade. Indeterminação é um processo que interconecta elementos e estratos ainda que não pensados inicialmente em relação.

Percebemos então, que a indeterminação no futuro torna-se num problema apenas quando analisada na predeterminação inicial, ou seja segundo o perfil “ideal” proposto pelo projeto de loteamento. Ao analisar a relação entre os diferentes suportes, concluímos que a sua estratificação continua presente nestes espaços, manifestando-se não só através da vegetação que vai colonizando as estruturas dos loteamentos, mas também nos vestígios da água que nos relembram a sua presença e potencialidade de vir a reestruturar um espaço coletivo de qualidade que não só exista para além da lógica viária dos arruamentos fora de escala, mas também que questione a lógica autista da vida “interiorizada” entre os muros de cada casa.

---

<sup>69</sup> Gilles Clément, “Manifeste du Tiers paysage” (Montreuil, Seine- Saint-Denis: Sujet/Objet) 2003.



Como Michel Corajoud<sup>70</sup> refere, temos o dever de defender o espaço aberto. É uma responsabilidade ética e social. Mais uma vez relacionada tanto com o indivíduo, como com as comunidades que estamos a gerar através destes, espaços-casa, desprovidos de espaço público. De espaço onde o brincar, o encontro e o reconhecimento de pertença a uma comunidade possa ter lugar, de espaço público enquanto campo de aprendizagem potencial.

Aqui reside o valor da indeterminação destes espaços suspensos, quando verificamos que a multidireccionalidade do tempo acaba por interrelacionar elementos naturais e artificiais, que mesmo com forças contraditórias constituem um conjunto fragmentário de conexões imprevistas, no qual as moradias já edificadas, as suas empenas, as estruturas dos passeios, as guias, os candeeiros, as árvores dos passeios, e fundamentalmente o jardim em movimento<sup>71</sup> que domestica o chão, denunciam uma dinâmica potencial que nos dá alento.

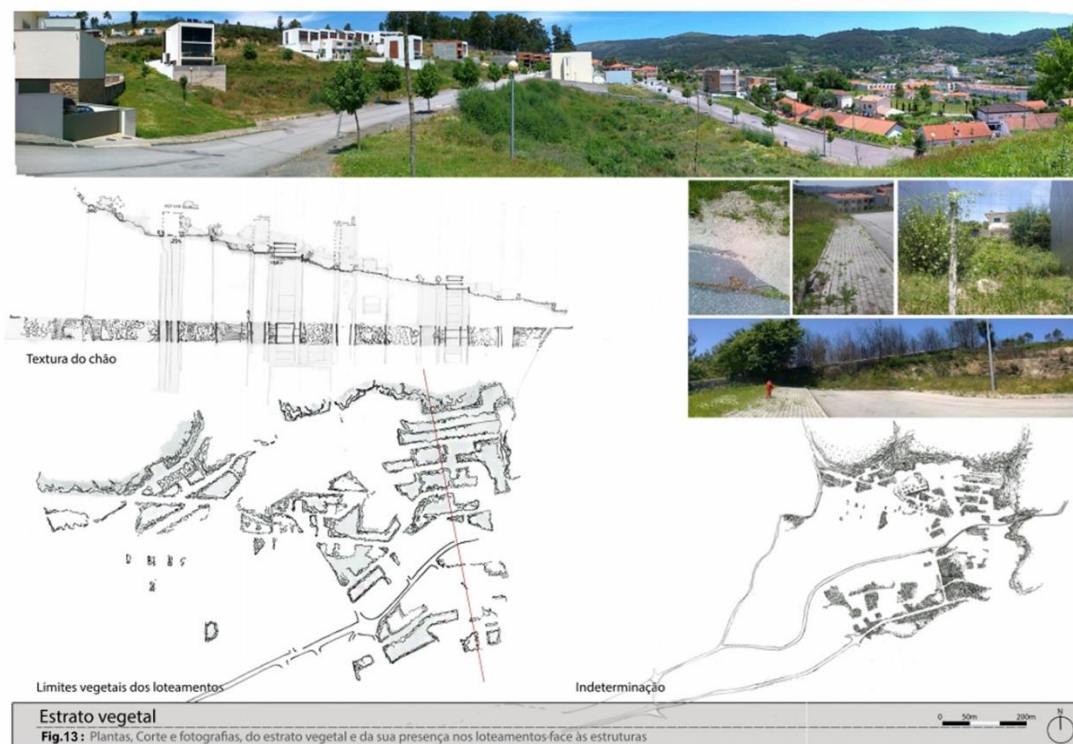


Fig. 13: Presença do estrato vegetal nos espaços suspensos.

<sup>70</sup> Michel Corajoud, "Le Project de Paysage: Letre Aux Étudiants," in *Le jardinière, l'artiste et l'ingénieur*, ed. Jean-Luc Brisson (Besançon: Les éditions de l'imprimeur, 2000), 37–51.

<sup>71</sup> Gilles Clément, "Le Jardin en mouvement" (Paris: Pandora, 1991).



## A terra do Sol e da Água: à procura do passado que é presente

No estudo efetuado descobrimos que Gualtar era conhecida por Colina, ou Encosta do Sol, mas também como Colina da Água<sup>72</sup>. Relativamente à designação de Encosta do Sol, dá-se pela excelente localização da mesma voltada a Sul. Não só pela localização, mas também no nome de um dos loteamentos verificamos a mesma característica. Na Fig. 14 percebemos como a encosta se molda segundo a topografia e a respetiva relação com a luz solar.

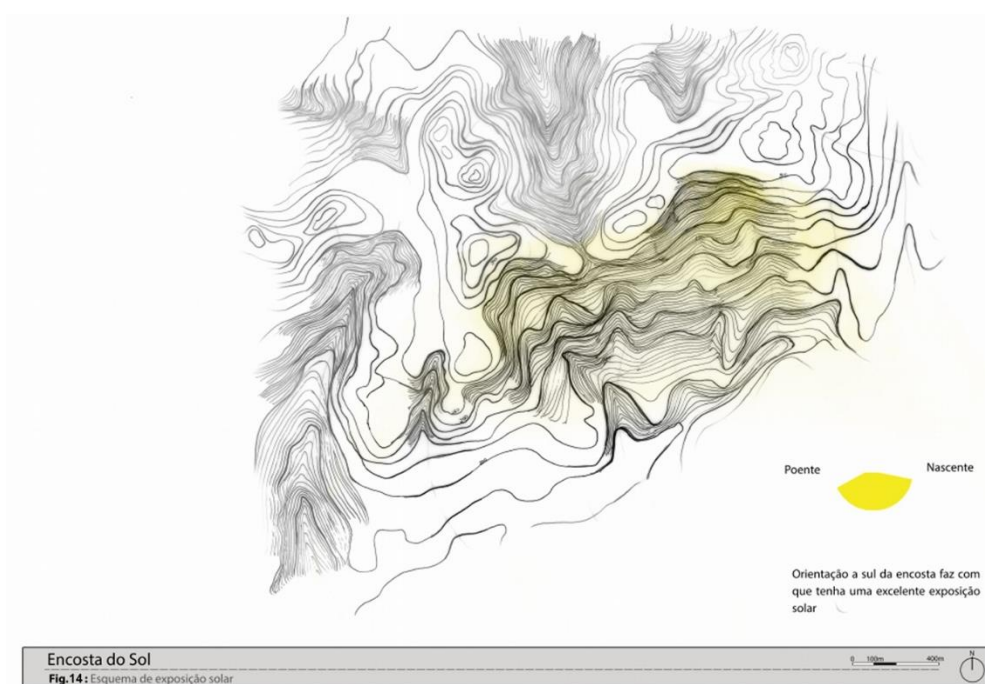


Fig. 14: Esquema da exposição solar da encosta de Gualtar.

As referências históricas relativas à Encosta da Água, encontram-se no anteriormente referido Lugar das Caixas D'água, onde se fixaram os povoados no Calcolítico, e também nos registos relativos ao sistema hidráulico setecentista, Sete Fontes. A partir desta referência podemos perceber a designação atribuída à encosta, já que o mesmo teria como objetivo a recolha de água a partir de linhas originárias de abundantes nascentes de água, que dariam origem à ribeira de Gualtar. O sistema resulta da captação de cursos de água existente num conjunto de relevos, a saber: O Monte de Gualtar com 33 metros de altitude e o Monte da Quinta do Amorim, 88 metros, pertencentes à atual freguesia.<sup>73</sup>

<sup>72</sup> Informação obtida a partir de conversa com o Presidente da Junta de Gualtar e com habitantes locais.

<sup>73</sup> Manuela Martins e Maria do Carmo Ribeiro, "Gestão e uso da água em *Bracara Augusta*: uma abordagem preliminar," in *Caminhos da Água. Paisagens e Usos na Longa Duração*, coord. Manuela Martins, Isabel Vaz de Freitas e M<sup>a</sup> Isabel Del Val Valdivieso (Braga: Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» (CITCEM), 2012), 9-52, <http://hdl.handle.net/1822/19872>

Através de pesquisa desenhada sobre as bases cartográficas cedidas pelo departamento de Geografia da Universidade do Minho e pela Câmara Municipal, sendo estas as cartas Militares de 1968 e 1980, percebemos que a encosta voltada a sul na margem norte da ribeira de Gualtar, inserida na bacia do rio Este, possuía inúmeras linhas de água, assim como poços. O desenho da Fig. 15, é uma primeira abordagem ao estudo das mesmas, tendo sido identificados uma zona de queda de água e um moinho pertencentes à estrutura do rio Este.



Fig. 15: Estudo das linhas de água.

Durante o trabalho de campo realizado no lugar em 2012, foi possível reconhecer algumas estruturas relacionadas com as linhas de água identificadas a partir da cartografia e da própria morfologia do terreno (Fig. 16). Os tanques e minas são manufatos que permitiram interpretar a estrutura destes percursos apesar de, atualmente, nenhum curso de água existir a céu aberto. A identificação feita na Fig. 17 realizou-se, pelo cruzamento entre os tanques e minas públicos e privados identificados em 2012 com as existentes nas cartas militares de 1968 e de 80.

As características do solo e a sua localização geográfica, tornaram o mesmo propício à transformação para a agricultura, uma vez que esta era uma ótima terra para cultivo estruturada morfologicamente por parcelas que se foram agregando à rede hidrográfica.

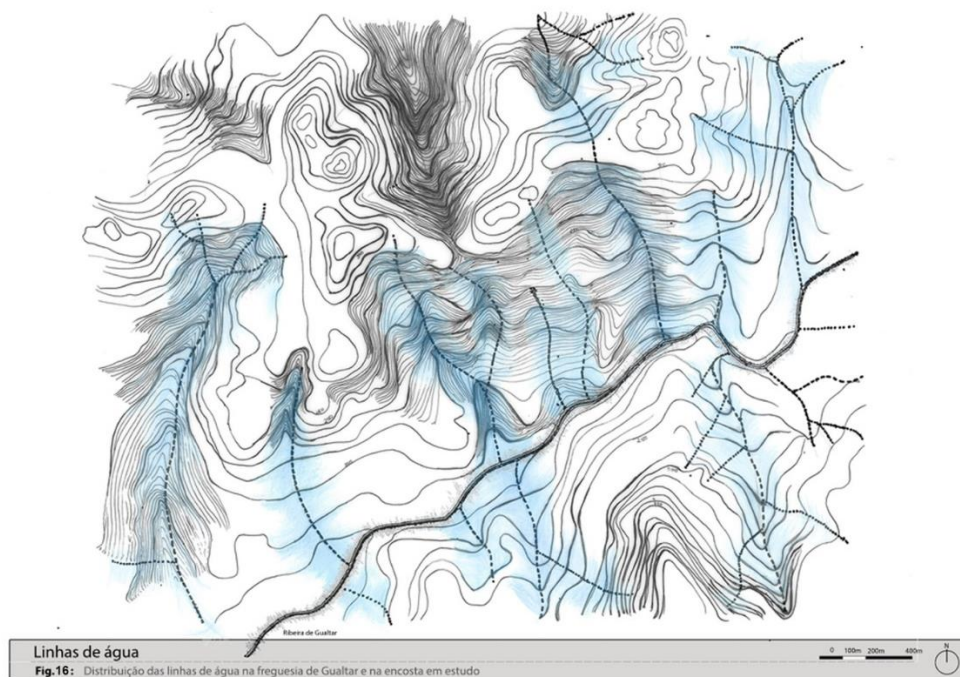


Fig. 16: Mapeamento das linhas de água, na sua relação com a topografia.

O território em estudo assistiu à aglomeração de uma série de quintas privadas. O parcelamento foi explorando as potencialidades agrícolas (Fig. 17), desenhando uma estrutura composta por muros, taludes, caminhos e terrenos de cultivo, que constituem a base de transformação do perfil do solo. “Tudo isto era campo”,<sup>74</sup> como nos disse uma habitante de Gualtar, ressoando a Alberto Caeiro, guardador de rebanhos.

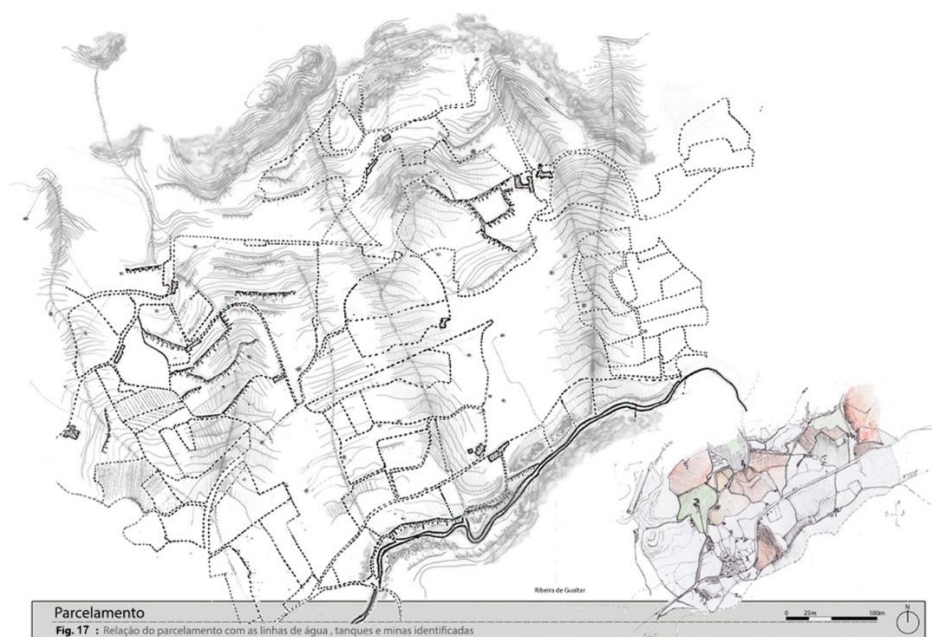


Fig. 17: Relação do parcelamento com as linhas de água, tanques e minas.

<sup>74</sup> Moradora de Gualtar durante 1930-1970, durante entrevista para o presente trabalho, 3 de Junho, 2012.

A história das transformações do solo para cultivo encontram-se ligadas à fundação da Freguesia, registada em documentos a partir do século IX, X, sendo referida como S. Miguel de Gualtar. Conhece-se a existência do Mosteiro de S. Miguel, “monastero Sancto Michael in villa Gualtar”, doado à Condessa de Ildnara pelo Mestre Savarigo entre 1032 e 1043. Este terá sido Vigararia da apresentação do arcediago da Sé de Braga, sendo mais tarde Reitoria da mesma. Não existem atualmente vestígios do Mosteiro, sabe-se no entanto que a sua localização coincidia com o terreno onde hoje se encontra o Campus da Universidade do Minho. Seria esta uma das primeiras quintas, da qual se conhecem registos, em Gualtar, a tirar partido da fertilidade do seu solo, mas a partir de investigação no terreno e com base nos elementos cartográficos foi possível encontrar o registo de outras.

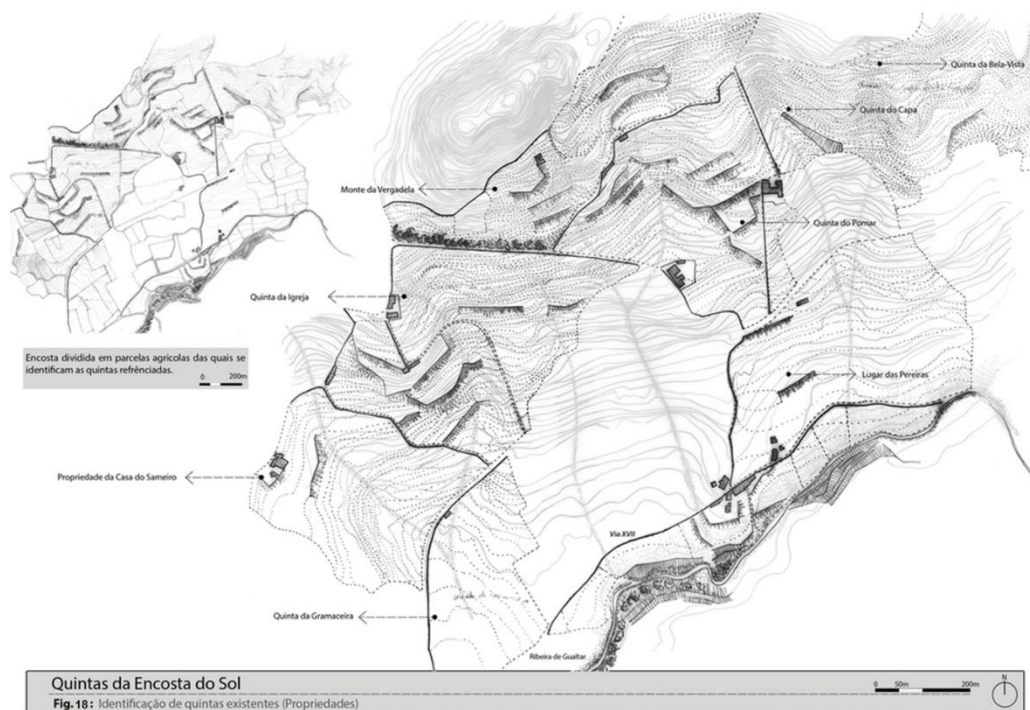


Fig. 18: Identificação das quintas.

As quintas (Fig. 18) reconhecidas pela investigação estão relacionadas com os pontos ou linhas de água: Quinta do Amorim, onde fica atualmente a Universidade do Minho, as Quintas de St. António, do Paulo, Dr. Carrilho<sup>75</sup>, da Igreja de Cima, de Mouriscais, da Gramaceira, do Pomar, do Capa, da Vigária, da Bela-Vista, entre outras que não foi possível identificar. Estas produziam essencialmente milho, produtos hortícolas variados e árvores de fruto.

<sup>75</sup> Nome atribuído por moradores.

O reconhecimento das mesmas foi possível fazer através de informação recolhida não só nas cartas militares, mas essencialmente através da pesquisa junto de moradores e ex-moradores de Gualtar. Algumas estruturas destas transformações são identificáveis no presente, tendo sido possível registar e localizar muitos dos vestígios de muros, caminhos, casas, socalcos que permitiram o cultivo do terreno e a exploração do mesmo para subsistência.

As informações adquiridas numa visita com um ex-residente de 80 anos de Gualtar, que aí habitou durante 40 anos, entre 1930 e 1970, permitiu-nos aprofundar o conhecimento sobre como funcionava o lugar na relação com estas mesmas quintas.

As poucas casas existentes, além das quintas, eram caracterizadas pela função que o morador desempenhava na sociedade: a casa do carpinteiro, a casa da modista, a casa do alfaiate, a casa dos fornos comuns. A Igreja, a escola Primária e algumas tabernas geravam a vida da freguesia. Os conjuntos de moradias restantes agregavam-se perto dos tanques acabando por gerar pequenos núcleos de habitação.

Foi possível perceber que as quintas e as suas casas, juntamente com os tanques públicos, geriam o funcionamento do território. Não havia rede de eletricidade, nem de água pública. Gualtar era a freguesia de Braga com maior número de tanques públicos.

Nestes relembremos a história de infância de uma das muitas crianças que aqui viveu, a nossa amiga e colega, a Professora Ana Francisca, a qual recorda com alegria o tempo em que aqui brincava com os amigos, fazendo dos tanques das quintas os lugares de banhos e diversão. As quintas mais do que barreiras inexpugnáveis eram lugares de encontro e partilha de uma infância que aprendia a vida a partir do lugar. Um campo de aprendizagem.

Os tanques, relembre-se a propósito dos fatídicos incêndios de 2017, foram os que salvaram muitos cidadãos. Na ausência de luz elétrica provocada pelos incêndios, apenas a água *in situ* dos tanques, ribeiras e rios, foram a fonte de proteção das populações. Vida assim esquecida, já que a modernidade empresarial e centralizada da infraestrutura coletiva de água tende a negligenciar a água no seu vínculo com o sítio e com as pessoas que desde tempos ancestrais a usam naturalmente no seu dia-a-dia.

## **Conclusão**

Esta reflexão encerra-se sobre as possibilidades que cria. Pretende-se que a leitura deste texto contribua para a transformação do modo como se pensam e projetam os loteamentos, incluindo a indeterminação específica do lugar como ferramenta de projeto capaz de catalisar relações espaço-



temporais imprevistas, contrariando o desejo de continuar a fingir que podemos controlar a realidade através dos nossos planos ideais e fechados sobre si mesmos.

Muitos caminhos ficam em aberto com esta investigação, dos quais realçamos dois: o da “prevenção” e o da “ação”: a) no da prevenção, através da pesquisa de estratégias e ferramentas de projeto no processo de conceção dos loteamentos, que por um lado integrem a especificidade dos lugares, o que exigirá uma transformação da legislação em vigor correspondente, que aliena os planos dos lugares concretos, e por outro criando projetos abertos que contemplem a indeterminação; b) no da ação, sobre os loteamentos inacabados, estudando formas de potenciar a relação entre os fragmentos, e fundamentalmente de questionar o papel do espaço coletivo na transformação destes lugares físicos e sociais.

Com este estudo tentamos também perceber o conjunto de processos que criaram a narrativa lugar para além da dinâmica da urbanização, ou daquela que essa arrasou, a identidade que permitiu, como se aludiu na introdução, desde a Idade do Bronze designar esta terra por *terra do Sol e da Água*. Infelizmente o seu valor intrínseco foi substituído pelo valor financeiro dos lotes urbanizáveis. Substitui-se a fertilidade, pela infertilidade do dinheiro. Destrói-se o património coletivo mais valioso: o do solo e da água como algo que é do domínio do mercantilizável.

O luxo? É recorrentemente naquilo que é, ou se torna raro. Talvez se assim continuássemos, teríamos finalmente consciência do valor da terra, da água, do sol e do ar; porque se os destruirmos, sentiremos em cada um de nós a falência da vida. Infelizmente, o valor mercantil continua a ser a força motriz do tão culturalmente enraizado desenvolvimento. E assim nos quedamos com a ilusão de prosperidade.

Mesmo as linhas de água encanadas, se soubermos que elas existem, podemos passar a considerá-las e a aprender a amá-las. Não se ama o que não se conhece, e não se conhece o que não se ama. Daqui, fica uma questão em aberto: de que falamos quando falamos de património? De água entubada, também.<sup>76</sup>

## **Bibliografia**

Alexandre, António Franco. *Visitação*. Porto: Editora Gota de Água, 1982.

Carvalho, João M. *Planeamento urbanístico e valor imobiliário: as parcerias público-privado: teorias, metodologia, potencial*. Cascais: Principia, 2005.

Cavafi, Constantin. *90 e mais quatro poemas*. Coimbra: Centelha, 1986.

---

<sup>76</sup> Sempre podemos ser otimistas “Os dias do futuro estão em frente a nós (...)” Constantin Cavafi, “90 e mais quatro poemas” (Coimbra: Centelha, 1986), 42.

- Clément, Gilles. *Manifeste du Tiers paysage*. Montreuil, Seine- Saint-Denis: Sujet/Objet, 2003.
- Clément, Gilles . *Le Jardin en mouvement*. Paris: Pandora, 1991.
- Corajoud, Michel. "Le Project de Paysage: Letre Aux Étudiants." In *Le jardinière, l'artiste et l'ingénieur*, ed. Jean-Luc Brisson, 37–51. Besançon: Les éditions de l'imprimeur, 2000.
- Corboz, André. "Le territoire comme palimpseste." In *Le territoire comme palimpseste et autres essais*, 209-229. Besançon: Les Editions de L'imprimeur, 2001.
- Fernandes, Joana da Cunha. "Loteamentos de moradias em banda: do Interstício à Indeterminação." Master diss., University of Minho, 2013.
- Martins, Manuela e Ribeiro, Maria do Carmo. "Gestão e uso da água em *Bracara Augusta*: uma abordagem preliminar." In *Caminhos da Água. Paisagens e Usos na Longa Duração*, coord. Manuela Martins, Isabel Vaz de Freitas e M<sup>a</sup> Isabel Del Val Valdivieso, 9-52. Braga: Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» (CITCEM), 2012. <http://hdl.handle.net/1822/19872>
- Musil, Robert. *O Homem sem qualidades*, vol.1. Lisboa: Publicações D. Quixote, 2008.
- Perloff, Marjorie. *The Poetics of Indeterminacy: Rimbaud to Cage*. Evanston: Northwestern University Press, 1981.
- Saint-Exupéry, Antoine. Carta a um Refém. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2015.
- Solà-Morales, Ignasi de. "Terrain Vague." In *Territórios*, 181-193. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002.